

HEGEL: SUA HISTÓRIA DA FILOSOFIA, E A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

HEGEL: HIS HISTORY OF PHILOSOPHY, AND PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL

Ricardo de Moura Borges

Mestrando em Filosofia pelo Mestrado Profissional em Filosofia (ProfFilo) na
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Resumo: Este artigo versa sobre a importância da história da filosofia no ensino de filosofia no Ensino Médio a partir da perspectiva do filósofo idealista Hegel. Apresenta algumas dificuldades encontradas no ensino médio a partir da fragmentação do sujeito, provocando um individualismo, marcado pelo contexto da exacerbção do acesso às informações que deixou há muitas décadas de ser a escola e do professor que não é um detentor do conhecimento, mas passa a ser um mediador no processo de ensino aprendizagem. Assim, a filosofia hegeliana tem muito a nos ensinar pois por seu caráter provocativo e reflexivo demonstra a busca pela totalidade do conhecimento a partir da dialética promovida por uma história que seja viva e vivificante.

Palavras chave: Hegel; ensino-médio; história da filosofia; filosofia.

Abstract: This article is about the importance of the history of philosophy in teaching philosophy in high school from the perspective of the idealist philosopher Hegel. It presents some difficulties encountered in secondary education due to the fragmentation of the subject, causing individualism, marked by the context of exacerbated access to information that ceased to be the school and the teacher many decades ago who is not a holder of knowledge but becomes a mediator in the teaching-learning process. Thus, Hegelian philosophy has a lot to teach us because, due to its provocative, reflective character, it demonstrates the search for the totality of knowledge based on dialectics promoted by a history that is living and life-giving.

Keywords: Hegel; secondary education; history of philosophy; philosophy;

INTRODUÇÃO

Pensar o ensino de filosofia no Ensino Médio contemporâneo no Brasil é pensar na escola do século XIX a partir de seus desafios, inquietações e motivações. Sob uma forte pressão mercantilista no ambiente escolar percebemos que existem necessidades outras que não existiam a décadas passadas, tais como pensar o sujeito a partir de suas competências socioemocionais, formar um sujeito que se prepare para o mercado de trabalho moldado sob a ótica do liberalismo econômico, desenvolvendo habilidades e competências para a flexibilidade no mundo do trabalho. Em outras palavras, parece que o sonho de desenvolvimento iluminista, da ciência, técnica e tecnologia faz-se presente nos tempos atuais, trazendo desafios.

Partindo desta ótica, podemos pressupor que o conhecimento empírico tem uma acen-tuação mais assertiva e eficaz em tempos de desenvolvimento técnico e tecnológico. De uns anos para cá as escolas estão oferecendo ensino técnico profissionalizante com oportunidades de emprego prático em um curto espaço de tempo, algo promissor, mas nem sempre assegurado.

Poderíamos pensar desta forma que todos os filósofos idealistas, racionalistas não teriam espaço para a reflexão filosófica na atualidade e que seu diálogo com o tempo contemporâneo seria algo sem sentido, supérfluo ou desconectado com a realidade do mundo do trabalho, sendo descartáveis, pois se tornaram obsoletos.

Contudo, nosso ponto de discussão é entender como no Ensino Médio de natureza profissionalizante pode-se dialogar com a filosofia de Hegel a partir de uma perspectiva provocativa, interativa e filosófica.

Pensar o sentido de algo que mova o ser humano em um modo global, absoluto, parece nos dias de hoje algo irrisório, sem sentido e pouco proveitoso, tendo em vista que a coletividade está expressa em sua grande maioria apenas nos espaços virtuais, onde o sujeito em muitos dos casos encontra-se isolado em suas bolhas de compreensão do mundo.

Tendo em vista os objetivos desse estudo, primeiro vamos identificar o que é o Ensino Médio na escola de massas e como a filosofia como disciplina está inserida neste espaço, apontando alguns desafios, algumas mudanças que aconteceram no espaço escolar, principalmente quando olhamos para a escola atualmente. Em um segundo momento iremos compreender o conceito da história filosofia hegeliana fazendo um diálogo com a sua concepção da filosofia como abstração de conceitos que visa o Espírito Absoluto, apontando a importância de compreendermos a dialética como movimento contínuo, e em um terceiro momento iremos apresentar como a proposta de se trabalhar a história da filosofia na perspectiva hegeliana no ensino médio em uma perspectiva globalizante, interdisciplinar com o intuito de perceber a sua atualidade e suas peculiaridades. Por fim, concluímos o artigo enfatizando sobre a importância da filosofia de Hegel para o ensino médio.

A ESCOLA DE MASSAS NO ENSINO MÉDIO ATUALMENTE

Nas modalidades de ensino atual, podemos designar a etapa do Ensino Médio como

aquela em que perfaz os últimos três anos de formação em uma escola pública ou particular que irá possibilitar o aluno ao ingresso quer seja no mercado de trabalho, quer seja na vida universitária.

A escola atual do século XXI, em muitos dos casos carentes de avanços quer seja em adequações estruturais, quer seja em desenvolvimento tecnológico e profissional, quer por falta de psicopedagogos, bibliotecários, professores de informática, salários adequados, dentre outros aspectos, conta-se com uma clientela que é diferente das escolas de massas de décadas passadas.

A escola de massas busca fomentar o ensino das disciplinas curriculares a partir de uma realidade existencial do aluno. Contudo, vale ressaltar que as massas pensadas em décadas passadas em sua grande maioria eram pessoas desprovidas de total poder aquisitivo, que viam na escola uma possibilidade de se alfabetizarem.

O que destacamos aqui é que as massas atuais, são permeadas por jovens que em aspectos socioeconômicos, de acesso aos meios de comunicação e informação possuem possibilidades de acesso maior do que as gerações passadas. Assim, também os professores atuais nas escolas, são em muitos casos, filhos e filhas da massa desprovida de acesso à educação. Este termo massa carece ser refletido.

Como salienta Rodrigo 2009, p.37, ao falar da possibilidade do ensino de filosofia para a escola de massas, nos diz que:

É o caso de perguntar-se o que justificaria este esforço: Basicamente duas finalidades de caráter mais geral: propiciar a todos a oportunidade de desenvolver sua humanidade em termos de um pensamento racional que lhes permita pensar a relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, de modo que estejam aptos a exercer o pensamento na perspectiva de uma cidadania democrática.

Aqui temos o núcleo central que responde a pergunta: para que serve a filosofia. Desta feita, poderíamos dizer que é para humanizar e não para fragmentar o sujeito. Em nosso contexto, pós pandêmico, onde a pandemia trouxe uma individualização do sujeito, acrescido com o uso excessivo das redes sociais, das mídias de informação rápida que liberam dopamina no cérebro, tornando os sujeitos viciados em telas e menos aptos para a leitura de um livro ou um clássico de filosofia, ou seja, fragmentados não pela escola, mas por todo um contexto.

Notamos que essa perspectiva apresentada pela autora é um desafio talvez mais complexo do que quando a mesma escreveu o seu texto, pensando em uma escola de massas em que o trabalhador (em sua grande maioria assalariado, vindo do campo para a cidade, ou agricultor) teve a possibilidade de ingresso nas escolas públicas.

Vale destacar que, em nosso tempo, a grande maioria são filhos desses trabalhadores, ou seja, são filhos da massa que se tornaram professores, diretores, secretários, merendeiras, vigias, e professores de filosofia.

As problemáticas de décadas atrás consistem em formar o indivíduo para a sociedade praticamente estabelecida, com empregos estáveis, tecnicistas, e pouco desafiador no sentido

de poucas crises institucionais. O professor era o detentor do conhecimento, as Barsas e bibliotecas físicas continham os saberes necessários para a pesquisa e de certa forma o ensino de filosofia estava direcionado para poucos, pois mesmo sendo abordado seu ensino na escola pública brasileira além de ser uma escola que não incluía um grande número de alunos, também encontra-se poucas pessoas graduadas na área de filosofia para ministrarem a disciplina.

As massas mudaram, os espaços escolares sofreram adequações, tais como ampliaram seus estacionamentos (era impensável a popularização de veículos em décadas passadas) para que os agentes escolares deixem seus veículos, as carteiras de sala de aula encontram-se permeadas com celulares dos mais variados tipos, conexão de internet com alta velocidade, ar condicionado em salas de aula. Conhecimento difuso adquirido pelas redes sociais, plataformas, bibliotecas vazias, e salas de informática praticamente em desuso.

O ensino médio contemporâneo é diversificado, sendo pautado uma exigência maior na formação do aluno a partir das áreas de língua portuguesa e matemática, sendo infelizmente a filosofia como área secundária e em muitos casos deixada de lado pelo sistema de ensino.

Tem-se durante um ano letivo a carga horária de 40h para o ensino de filosofia para cada série do ensino médio, ou seja, estas dividindo-se durante as semanas ficam apenas com uma aula a ser ministrada em um curto período de tempo de 50 min. O professor é direcionado a trabalhar especificamente por duas vertentes, a saber: ou por temas de filosofia tais como a justiça, a beleza, a amizade, o belo, a metafísica e a partir de textos motivacionais direcionar o aluno para a reflexão filosófica. Ou pela história da filosofia onde trabalha-se desde os pré-socráticos até a filosofia contemporânea. O professor recebe da escola um livro didático, um apagador e um pincel para dar conta dos desafios propostos para que haja um ensino de filosofia eficiente e eficaz.

Salientamos que o livro didático é um suporte e não um fim em si mesmo, pois o professor observando a realidade do aluno, da classe e da escola poderá muito bem adequar o ensino de filosofia a sua realidade, desde que não se distancie do conteúdo programático, mas favoreça meios e estratégias necessárias para que a aprendizagem se torne significativa.

Sobre esta aprendizagem significativa, salientamos que o papel do professor tem mudado nos últimos tempos. Não é mais o detentor de conhecimentos prontos e acabados, mas é o mediador entre os conhecimentos a serem alcançados e a realidade do aluno que é o sujeito aprendente.

Assim, como existiu a revolução copernicana em que Copérnico desloca a terra do centro do universo, pondo o sol em seu local e estabelecendo o sistema heliocêntrico, ou como fez Kant ao deslocar o objeto que ficava no centro da aprendizagem, onde o sujeito iria conhecê-lo, e ao pôr o sujeito no centro perguntou-se o que este pode conhecer sobre o objeto, assim, se dá no meio educacional, onde o professor não é mais o centro como detentor de um saber pronto e acabado, mas é o aluno que está no centro sendo instigado por meio de estratégias para que o ensino se torne cada vez mais assertivo.

A sala de aula sofre modificações, assim também como o seu ensino, pois imersos em um mundo de informações aceleradas, controversas e difusas, encontramos uma finalidade interessante para a filosofia, que é de despertar o saber crítico e reflexivo sobre esta gama de

informações que são como uma inundação de informações. Esta analogia é utilizada pelo filósofo Pierre Lévy, 2012, p.17 quando nos diz que:

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Não tem mais como fechar os olhos para a realidade para a gama de informações que são oferecidas pelas redes sociais. Também é inegável o fato de que o processo de ensino formal de leitura, escrita, tempo dedicado aos estudos como processo de maturação e reflexão do saber tem decaído nos últimos tempos. O acesso à escola para as massas não necessariamente significou um processo de desenvolvimento dos estudos como atividade de reflexão do pensamento, mas marcado por uma sociedade acelerada pelas demandas do mercado, individualista, e conseqüentemente fragmentada, em muitos casos substitui-se a qualidade pela quantidade, ou o ter pelo ser e saber.

Frente estas demandas, Silvio Gallo 2008, p.167 nos diz:

(...) A filosofia pode ser, na instituição, este lugar onde se reverta o fundamento da autoridade do saber, onde o sentimento justo da ignorância apareça como a verdadeira superioridade do mestre: o mestre não é aquele que sabe e transmite; ele é aquele que aprende e faz aprender, aquele que, para falar a linguagem dos tempos humanistas, faz seu estudo e determina cada um a fazer por sua conta. A filosofia pode ocupar este ponto de reversão porque ela é lugar de verdadeira ignorância. Todos sabem que, desde o começo da filosofia, os filósofos não sabem nada, não por falta de estudos ou experiências, mas por falta de identificação. Também o ensino de filosofia pode ser este lugar onde a transmissão dos conhecimentos se autoriza a passar algo mais sério: a transmissão do sentimento de ignorância.

Este modelo é muito semelhante a filosofia socrática, onde o filósofo da maiêutica buscava despertar o conhecimento que estava dentro do sujeito a partir das perguntas, sendo que estas eram provocações por meio da ironia para se alcance um conhecimento que não estava fora do sujeito (nas redes sociais, na explicação do professor apenas, nas tradições e crenças) mas sim a partir da reflexão e entendimento do próprio ser pensante. Campanner, 2012, p.21 explica que Galo propõe alguns desafios a serem superados, tais como:

a) o risco de se cair em um ensino enciclopédico, no qual os jovens aprendem os sistemas filosóficos, seus princípios doutrinários e as críticas a esses sistemas; b) o risco de se cair na lógica da explicação, o que leva aquele que aprende a renunciar os seus pontos de vista. O ensino de filosofia seria um consenso onde se apagaria as diferenças.

Estes riscos são negativos, contudo ao percebermos a fragmentação do ensino de filo-

sofia em poucas aulas de 50 min por semana, notamos que se tais objetivos fossem atingidos já seria um avanço. Contudo, vale salientar que o papel do professor em sala de aula é de fundamental importância, priorizando o diálogo, e não apenas o monólogo, escutando as inquietações dos alunos e priorizando um ensino de filosofia que seja inclusivo, sem perder o que é próprio da filosofia, a atividade crítico reflexiva. Priorizando a história da filosofia, não uma história morta, acabada e desprovida de sentido, mas algo vivo que carrega sentido para a vivência do aluno. Por isso que evocamos Hegel discutirmos o ensino de filosofia no ensino médio.

HEGEL E O ENSINO DE FILOSOFIA

Poderíamos contrapor este mundo fragmentado, individualista e com pretensões puramente mercadológicas a partir da filosofia hegeliana, tendo em vista que o mesmo elabora o conceito principal de sua metafísica, ou seja, o Espírito Absoluto, também conhecido como infinito, sendo que, todas as coisas que existem, por exemplo, a escola, a universidade, o aluno, o professor, etc, fazem parte dele. O Espírito está presente em todas as coisas e todas as coisas são manifestações dele. Esse conceito, que abarca a realidade das coisas, nos ajuda a entender a filosofia por um caminho de propósito coletivo, dando sentido à história do sujeito.

Vale destacar que o Espírito Absoluto não se dá de forma direta ao indivíduo mas vai se demonstrando aos poucos, em um processo. Assim, podemos correlacionar com a formação do sujeito. Imaginemos um aluno que inicia seus estudos no jardim de infância, e que naturalmente no Ensino Médio começa a entender todo o processo de formação, sendo que sua consciência está em processo de amadurecimento contínuo com novas aprendizagens. Estas não podem ser fragmentadas, mas são continuidades progressivas que partem de sua história de vida.

Hegel foi professor da Universidade de Iena e também reitor do Liceu de Nuremberg no século XIX. A história de Hegel é dividida em dois momentos, a saber o jovem e o maduro. O primeiro vai de 1870 a 1907, do zero aos trinta e sete anos. Com essa idade ele publicou a obra *A Fenomenologia do Espírito*, esta obra marca a passagem para o Hegel maduro. O segundo vai de 1907 a 1931. Em cada período ele foi assumindo funções como professor. A construção de sua filosofia deu-se a partir da leitura dos clássicos. Ele vislumbrava a pólis grega e tinha um ideal de educação marcado pela filosofia grega. Algumas obras marcaram o desenvolvimento do conceito da filosofia em Hegel.

Hegel lança um olhar crítico à própria filosofia que estava em voga em sua época, a saber ao iluminismo que valorizava um saber prático, pautado no empirismo de Locke e também ao saber de deslocamento da compreensão do que o homem pode conhecer em Kant. Hegel em seu livro *fenomenologia do Espírito*, propõe uma autorreflexão da própria razão, buscando o Absoluto, o Universal, ou seja, busca um retorno à metafísica. Sobre Kant, Hegel, 2008, p.30, estabelece a seguinte crítica:

Se a preocupação em evitar que caiam em erro produz desconfiança em relação à ciência em forma tão radical, então, não há porque também não desconfiar

desta própria desconfiança, e não há portanto, porque não supor que este receio de errar não seja ele próprio um erro. Na realidade este receio pressupõe muitas crenças como verdadeiras e baseia suas conclusões nelas. É a verdade destes pressupostos que deve ser examinada.

Com isso o filósofo pretende estabelecer uma crítica, demonstrando que o próprio Kant ao fazer uma separação entre ciência e metafísica, provando que a ciência é originária de um juízo sintético a priori, ou seja, de saberes que são novos, gerais e universais, e se distanciam da metafísica. Hegel propõe que a ciência é uma manifestação do conhecimento como qualquer outro. A consciência crítica deve, portanto, se auto refletir, reconstruindo seu processo de formação.

Hegel demonstra que existe inicialmente uma separação entre sujeito e objeto, onde o primeiro conhece o segundo, mas que por meio de inúmeros acontecimentos, a compreensão da realidade por um processo evolutivo levaria a manifestação da expressão do Espírito. Assim, a nossa própria consciência é dada como sua manifestação, tendo em vista que nada existe fora do Espírito. O equívoco de Kant, segundo Hegel, foi que este ficou ao se perguntar sobre a possibilidade do conhecimento por parte do sujeito, não percebeu que isso já era a manifestação do Espírito. Kant, por sua vez, estabeleceu a razão teórica e a razão prática, o que para Hegel era um absurdo no sentido de que não existem dois “eus”, sendo o primeiro caracterizado pela unidade da autoconsciência e o segundo como vontade livre.

Desta maneira temos a possibilidade de entendermos a realidade por meio do todo, ou seja, pela manifestação do Espírito Absoluto. O sujeito que olha para si mesmo, em um processo de autorreflexão, entende que possui uma história de vida e que esta não está isolada do seu contexto. Assim, nos diz Hegel no prefácio de seu livro *A filosofia do Direito*:

O que quer que aconteça, cada indivíduo é sempre filho de sua época; portanto, a filosofia, é a sua época tal como apreendida pelo pensamento. É tão absurdo imaginar que a filosofia pode transcender sua realidade contemporânea quanto imaginar que um indivíduo pode superar seu tempo, saltar sobre Rodes.

Temos então que a reflexão filosófica parte de um exame da própria consciência crítica de nossa própria história. Assim, vamos despertando o desejo de conhecer os pontos que ligam os tempos históricos, a saber: o passado, o presente, e o futuro. Pautado na concepção de entender as “leis da história”, sua direção e seu sentido para irmos além da consciência de nosso tempo. O sair de si, contemplando a realidade fora de nós para entendermos a manifestação da Razão ou Espírito Absoluto.

Em relação a pergunta: o que é filosofia? Cerletti, 2009, não tem resposta unívoca. Assim, percebemos que ao analisar cada filósofo e cada corrente podemos encontrar respostas variadas para tal questionamento, contudo, em Hegel temos algo que busca um ponto unificador, sendo que a história da filosofia é algo contínuo, vivo que está presente. Esse é um ponto motivador, pois não é uma história acabada, fixa, onde é necessário apenas abstrair mentalmente dados e fatos, mas sim, entender o processo de construção. Cerletti, 2009, p.29, nos

ajuda a refletir quando pontua que:

Esse espaço em comum entre filósofo e aprendizes será antes uma atitude, a atitude suspeita, questionadora e crítica, do filosofar. O que haveria tentar ensinar seria, então, esse olhar agudo, que não quer deixar nada sem revisar, essa atitude radical que permite problematizar as afirmações ou colocar em dúvida aquilo que se apresenta como óbvio, natural ou normal.

Este olhar de suspeita, reflexão e admiração volta-se para o princípio socrático da filosofia, quando questiona os saberes dados pelos sofistas. Sócrates que provoca aqueles que eram detentores de um saber, proporcionando uma reflexão sobre si mesmo, a partir de seus conceitos. Campaner 2012, p.39, pontua que:

Sócrates é a expressão do lugar que a sociedade atribui a Filosofia em seu interior. Sócrates foi julgado porque a cidade não encontrou um lugar para ele, não encontrou um lugar para o que ele fazia na cidade, e o que ele fazia era discutir com os cidadãos suas convicções, aquelas mesmas que eram as da cidade, e com isso representava um perigo para as instituições. No entanto, o exemplo de Sócrates em sua constante busca de saber indica que ensinar e aprender Filosofia não podem estar desligados do “Fazer Filosofia”.

É nesta filosofia que encontramos a presença contínua na filosofia hegeliana. Pois a história não pode ser vista como uma simples sucessão de eventos, sendo que por meio da análise dos acontecimentos históricos, notamos a presença do Espírito Absoluto, ou seja, existe a possibilidade de reconhecer cada evento particular pelo qual ele passa. Os eventos particulares da história compõem um todo maior, pois não somos seres isolados, fragmentados e individualistas. É entender que se estudo em determinada escola, tenho acesso a certa cultura, falo um idioma, estou inserido em alguma religião, etc, existe uma conexão maior, e existe uma finalidade.

É necessário pontuar que para Hegel a história não é linear, mesmo seguindo um plano racional a mesma é permeada de altos e baixos, mas seguindo sempre um fluxo contínuo que é a manifestação do Absoluto. Para se entender a história observamos o processo de formação da consciência. Marcondes, 2007, p. 224, afirma que:

Já nas Lições de Iena, que contém material posteriormente desenvolvido e reelaborado na Fenomenologia do Espírito, Hegel formula sua concepção de processo de formação da consciência. Trata-se de um tríptico processo, ou de uma tríptica dialética, consistindo em três elementos básicos: 1) as relações morais, que são aprendidas com a família ou vida social; 2) a linguagem ou os processos de simbolização; e 3) o trabalho ou a maneira como o homem interage com a natureza para dela extrair seus meios de subsistência.

Estes três estão interligados, sendo que a consciência histórica não está no ponto de chegada mas no processo em si, no desenvolvimento, na forma como o sujeito encaminha-se

em seu progresso histórico. A história o desdobra do Espírito e este seria dado pelo desenvolvimento da nossa consciência. Cada acontecimento tem uma razão de ser, por exemplo, a própria ideia de liberdade que é central em sua filosofia caminha sobre uma marcha de progresso, se efetivando e tornando-se realidade por meio de um caminho na história. Ela teria surgido na antiguidade com a liberdade apenas do rei ou governante, depois passa ganhar mais espaço na democracia ateniense com a liberdade para todos os nascidos em Atenas e por fim ela se efetiva como ideia de liberdade para todos após a Revolução Francesa.

Para Hegel, foi na Revolução Francesa que a marcha da liberdade ganhou seu cume. Hegel 1988, p.26, reflete que:

[...] não é difícil ver que o nosso tempo [o da Revolução Francesa] é um tempo de nascimento e trânsito para uma nova época [...] o Espírito que se forma lentamente, tranquilamente, em direção a sua nova figura, vai desmanchando tijolo por tijolo o edifício de seu mundo anterior. [...] Esse desmoronar gradual, que não alterava a fisionomia do todo, é interrompido pelo Sol nascente, que revela num clarão a imagem do mundo novo.

Essa perspectiva demonstra que todo o processo contínuo da história carrega um sentido que nos leva ao Absoluto, sendo que os aspectos parciais são necessários para a construção da Razão. Hegel demonstra na história da filosofia que desde o primeiro filósofo até a sua época, a dialética, ou seja, o jogo dos contrários possui uma razão de ser, pois é a partir da contradição, do diferente, do oposto é que se pode produzir novas coisas e destas gerar-se novas oposições.

Podemos aferir que a obra Fenomenologia do Espírito possui como finalidade traçar a “ história” do espírito humano, elevando o conhecimento que se dá pelos sentidos ao saber absoluto. Nós não somos isolados no mundo, somos movidos pela história para um determinado fim. No ensino de filosofia é fundamental despertar esta característica de todo, de conjunto de que não poderíamos, por exemplo, estar na escola se não houvesse alguém que a construísse, outro que ministrasse aulas, aquele que fabricasse a farda escolar, cadernos, canetas, e que tudo é produto de uma construção história, que segundo Hegel possui um direcionamento que é o Espírito Absoluto.

Essa dialética hegeliana é tripartida apenas em nível didático, mas é entendida pelo filósofo como algo contínuo, ou seja, que está em perpétuo movimento. Galeano, 214, p. 122, nos ajuda a entender este processo afirmando que:

Como trágica ladainha a memória boba se repete. A memória viva, porém nasce a cada dia, porque ela vem do que foi e é contra o que foi. Aufheben era o verbo que Hegel preferia, entre todos os verbos do idioma alemão. Aufheben significa, ao mesmo tempo, conservar e anular; e assim, presta homenagem à história humana, que morrendo nasce e rompendo cria.

Existem vários fragmentos acima que remetem à dialética hegeliana, tais como “ vem do que foi”, “contra o que foi”, “ conservar”, “ anular”, dentre outras. Estas mostram a síntese

de sua dialética estabelecendo choque entre afirmações e negações, para dissolver a contradição expressa. Para o escritor uruguaio, a nossa memória só é viva quando ela rompe com o passado, isto é, quando a o deixar de existir do passado possibilita a criação de algo novo.

No ensino de filosofia não é evidenciado que o estudo do passado, ou seja, da história da filosofia é fundamental, para chegar à consciência de que o presente em que vivemos é algo em movimento, e que os filósofos estão caminhando de forma contínua para a compreensão do Absoluto. A mudança ou o movimento é algo central em sua filosofia. A sua dialética, portanto, é feita de negações, afirmações e sínteses.

TRABALHAR A HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DA PERSPECTIVA HEGELIANA

Vimos anteriormente como Hegel desenvolve a sua filosofia a partir da conexão com o todo, sendo o objeto de consciência uma autorreflexão do espírito que compreende a realidade não de separação entre sujeito e objeto, mas como manifestação do Espírito Absoluto. Hegel compreende tanto a religião, assim como a arte como formas privilegiadas de manifestação e revelação do Espírito Absoluto. Por meio das obras de arte, o Espírito Absoluto seria revelado e por meio do sentimento religioso teríamos esta manifestação.

A filosofia permitiria permitir conhecer o todo da atividade do Espírito, porque seria uma forma superior, pois por meio de conceitos esta portuária a relação entre finito e infinito entre o ser humano finito e o Absoluto. Assim, as três, a arte, a religião e a filosofia seriam justamente a manifestação do Espírito Absoluto.

Mas como essa manifestação poderia ser apreendida em um contexto fragmentado, diversificado e em pouco tempo de ensino de filosofia, como remetido anteriormente em um espaço de apenas cinquenta minutos horas aula?

Pensar a importância da história da filosofia como algo significativo e vivo tanto na vida do aluno quanto do professor. Como nos orienta os Parâmetros curriculares nacionais 2006, p. 27 e 32, ao pontuar que:

É salutar, portanto, para o ensino da Filosofia, que nunca se desconsidere a sua história, em cujo textos reconhecemos boa parte de nossas medidas de competências e também elementos que despertam nossa vocação para o trabalho filosófico. Mais que isso, é recomendável que a História da Filosofia e o texto filosófico tenham papel central no Ensino de Filosofia, ainda que a perspectiva adotada pelo professor seja temática, não sendo excessivo reforçar a importância de se trabalhar com os textos propriamente filosóficos e primários, mesmo quando se dialoga com textos de outra natureza, literários e jornalísticos, por exemplo, o que pode ser bastante útil e instigante nesta fase de formação do aluno. Porém, é a partir de seu legado próprio, com uma tradição que se apresenta na forma amplamente conhecida como História da Filosofia, que a Filosofia pode propor-se ao diálogo com outras áreas do conhecimento e oferecer uma contribuição peculiar na formação do educando. [...] É importante registrar que uma certa dicotomia muito citada entre aprender filosofia e

aprender a filosofar pode ter papel enganador, servindo para encobrir, muitas vezes, a ausência de formação em véus de suspeita competência argumentativa de pretensos livres pensadores.

Esta exortação remete-se à importância dos textos clássicos de filosofia como uma motivação para uma formação sólida do aluno, assim, como ressalta a necessidade de que o professor domine o conteúdo filosófico a partir da construção histórica. Hegel, pontua que a história da filosofia é fundamental no sentido de que ela demonstra os pontos de construção, destruição e reconstrução do saber. Assim, filosofar é um reconstruir a partir do que foi construído por outros filósofos.

Por exemplo, pode-se pensar na importância dos mitos de Platão para repensarmos as nossas atitudes nos dias atuais. O mito da caverna já tão debatido e discutido, assim como o mito do anel de Gíges que relaciona a questão da justiça a partir do que entendemos por justiça ou do que somos “obrigados” a fazer quando estamos sendo vigiados. Em um tempo de redes sociais, de exacerbação de câmeras e vigilância constante, o pensamento filosófico de Platão se faz pertinente. É necessário partir da história da filosofia, perceber que existem as contradições, mas que as ideias filosóficas em dado momento podem ser despertadas e ganharem vida, de acordo com o contexto que está sendo analisada.

Dando vida ao próprio filósofo Hegel, passamos a nos perguntar como seria o seu ensino de filosofia em nossa sociedade? Usando essa imaginação, buscamos a sensibilidade e a criatividade para entender nas palavras do filósofo que a filosofia é fruto do seu tempo, e que a cada tempo é um manifestar-se do Espírito e que este não está desvinculado, fragmentado, individualizado como a sociedade hodierna muitas vezes quer nos impor.

Se tudo tem um sentido, e existe um progresso que nos leva a um fim, então a nossa consciência deve ser despertada. E Hegel tem uma sacada importante, que é a questão da dialética, ou seja, o jogo dos contrários. Assim como no tópico anterior, refletimos sobre o escrito de Galeano podemos encontrar em diversas músicas, poemas, e experiências do dia a dia que demonstram este constante vir a ser em nossas vidas. Isso provoca inquietações, provocações, curiosidade, despertando o espírito autorreflexivo. Estes aspectos movem o ser humano para o campo da investigação.

Com a existência do Espírito Absoluto as ciências não estariam pairando de formas livres, leves e soltas de uma aula para a outra, como se não houvesse uma conexão, mas estariam interligadas, pois todo conhecimento é manifestação do Espírito. Daí poderíamos entender a importância da interdisciplinaridade. Contudo valorizando o conhecimento filosófico em suas especificidades.

Outro ponto essencial a destacar é utilizar a filosofia de Hegel para pensar a sua própria filosofia, ou seja, assim como este lançou duras críticas ao pensamento de Kant a partir de sua filosofia transcendental, perceber que o objetivo de Hegel era a defesa da metafísica. Kant desconfiou da mesma, dizendo que a filosofia estava estagnada, enquanto a matemática e a física estavam em constante avanço. Não seria a filosofia de Hegel um momento de antítese ao pensamento de Kant? Dando a possibilidade de gerar outra síntese?

O momento de afirmação seria a filosofia Kantiana, o de negação seria a filosofia de

Hegel e qual seria a síntese? Esta indagação poderia ser lançada em sala de aula para que os alunos investigassem e trouxessem suas respostas na próxima aula.

Demonstrar esta vivacidade faz com que percebamos que a história da filosofia não é estática, assim como o mundo não o é. Assim, como o nosso cotidiano em que mesmo estando em dias, semanas, meses, e horas que tem o mesmo nome, passamos em um estado contínuo de movimento.

Outra questão pertinente seria em relação ao tempo de ensino de filosofia? A questão foi formulada como provocação filosófica desde o início do texto, pois é dado cinquenta minutos, mas a preocupação não é com a quantidade de tempo (claro que mais tempo de hora aula possibilita avanços significativos), mas com a qualidade do tempo utilizado.

Assim, em uma aula com objetivos bem traçados e definidos, com um tema pautado em uma história da filosofia que seja viva e vivificante, seria finalizada com dois momentos, a saber: uma breve revisão do que foi visto é uma atividade sobre o conteúdo. Ou seja, um prolongamento do estudo de filosofia que estivesse pautado na pesquisa. E está direcionada na maioria das vezes em questões que possam levar a autorreflexão do espírito, ou seja, que não sejam meras perguntas com respostas prontas dadas pela internet.

É um desafio grandioso, sabendo que o professor não é professor de apenas uma instituição, e que em muitos casos se desdobra para conseguir ministrar aulas em vários locais de ensino. Mas, aprendemos com Hegel que a história da filosofia é viva, portanto, o pensamento é vivo e seu despertar se dá por meio do estudo da história da filosofia. Uma das formas de vivê-la é instigando estas conexões históricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou demonstrar que o Ensino Médio contemporâneo é fruto do seu contexto histórico e que está atualmente pautado nas ideias iluministas de desenvolvimento da ciência por meio da técnica, o que proporcionou um desenvolvimento acelerado das tecnologias sendo que está em muitos casos causou o dilaceramento do sujeito, o seu individualismo, ou seja, a sua fragmentação em relação a busca do todo.

Ao utilizar um pensador idealista, ou seja, contraposto ao empirismo, percebemos que sua análise de história da filosofia é de fundamental importância para resgatarmos a possibilidade de construção de uma consciência que caminha para um sentido, ou seja, para o Espírito Absoluto.

Desta forma a ênfase que Hegel dá para a História é demonstrar que existe um sentido, e que o momento em que vivemos hoje não é especial nos sentido de sermos melhores, portanto, individualistas, mas sim é um tempo em que devemos despertar o espírito da autorreflexão de nossa consciência percebendo que o espaço construído é um contínuo que no futuro poderá desembocar em uma síntese. Com sua dialética, de afirmação, negação e síntese que encontramos a vivacidade em sua filosofia, sendo que esta é uma manifestação do Absoluto e que neste desejo de busca pelo conhecimento, como nos diz Hegel “ao retirar o véu que cobre o real, procurando penetrar nas coisas, encontramos apenas a nós mesmos”.

Esse nós não é um sujeito individual mas coletivo que se reconhece a partir das três dimensões da manifestação da sua consciência, a saber: moralidade, que é a cultura onde bebemos de valores; a linguagem que é a que aprendemos em nosso contexto de nascimento e o trabalho que é onde nós realizamos a partir das interferências que fazemos na natureza.

No Ensino Médio temos a possibilidade de fazermos essa conexão entre as diversas áreas de conhecimento por meio do ensino interdisciplinar, contudo salientando a importância da filosofia, que em sua peculiaridade hegeliana está no estudo dos conceitos. Também, refletir sobre a metafísica, deixando que os alunos possam amadurecer sobre essa discussão trazida desde os filósofos antigos, medievais, que foi criticada pelos empiristas e questionada por Kant, reavivada por Hegel e discutida por outros tantos filósofos da posteridade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. v.3: Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CAMPANER, Sônia. Filosofia: ensinar e aprender. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

CERLETTI, Alejandro. O ensino de filosofia como problema filosófico. Trad. De Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

GALEANO, Eduardo. Celebração das contradições/1. In: Livro dos abraços. Porto Alegre: L & PM, 2014.

GALLO, Silvio. Para além da explicação: o professor e o aprendizado ativo da filosofia. In: KUIAVA, SANGALLI e CARBONARA (Org.). Filosofia, formação docente e cidadania. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

HEGEL, G.W.F, A fenomenologia do Espírito. Petrópolis. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1988.

HEGEL, G.W.F. Filosofia do Direito. Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio. Trad. Paulo Meneses, et al. São Leopoldo, RS, Ed. Unisinos, 2010.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed 34. 1999.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2ªed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

RODRIGO, Lídia Maria. Filosofia em Sala de Aula: teoria e prática para o ensino médio. Campinas, SP: Autores Associados. 2009.